

Estudos de caso: diretos ou vibrantes?

Elaborado por Andrew Graham

Examinem os dois exemplos do mesmo caso¹: um apresentado de forma factual e outro, em um formato mais anedótico. Qual é mais efetivo em contar a história e apresentar o dilema?

Versão I

Uma professora estava ensinando introdução à teoria política moderna numa grande universidade urbana e adotou uma forma de aprendizagem cooperativa, na qual os alunos trabalhavam em pequenos grupos durante todo semestre. Aplicava testes diários, primeiro individualmente e depois em grupos. Ela tinha o hábito de sair da sala de aula durante os testes. Tudo correu bem até o último dia de aula, quando ficou sabendo, por um de seus melhores alunos, que tinha havido “cola” durante os testes. Ao distribuir os formulários de avaliação para que os alunos atribuíssem notas a seus colegas, obteve outras informações. Dois alunos, em grupos que ficavam próximos e que se conheciam, haviam colado. Seis diferentes alunos escreveram sobre como os dois amigos haviam trapaceado e que seus colegas lhes haviam dito que parassem, mas inutilmente. Não haveria mais aulas. Apenas a prova final. O que a professora deveria fazer?

Versão II

“Não aguentei! Tive que mudar de lugar. Eles estavam colando. Estudo muito para conseguir meu ‘10’ e eles estavam trapaceando”.

A professora de Ciência Política Margaret Blake olhava fixamente para a jovem à sua frente, contando sua história calmamente. Paula era uma de suas melhores alunas. Margaret lhe havia perguntado por que mudara subitamente de uma mesa para outra durante o teste.

“Lang, o cara no grupo ao lado do nosso, escreve no teste suas respostas de múltipla escolha em letras grandes e o levanta para que Jack, que está no nosso grupo, o veja enquanto você está fora da sala. Todos dissemos que parassem, mas eles continuaram”.

Margaret respondeu: “Gostaria que vocês tivessem me contado antes, pois assim poderíamos ter feito algo. Hoje é o último dia de aula. Na sexta-feira teremos o exame final. Não há muito o que fazer agora. Bem, pelo menos hoje teremos a avaliação intra-alunos, em que vocês classificam as contribuições dos outros membros do seu grupo. Não deixem de escrever sua reclamação”.

“Garanto que muitos de nós vamos reclamar”.

Pouco tempo depois do final da aula, as palavras de Paula se concretizaram. Seis alunos haviam escrito incisivamente sobre a cola entre os dois alunos asiáticos. Um aluno do grupo de Jack estava especialmente aborrecido: “O Jack tira notas baixas porque nunca está preparado. Ele vai ao laboratório quando quer; ele e seu colega trapaceiam todo santo dia. Você viu como Jack se saiu mal no teste quando você ficou em pé atrás dele? Ele sempre muda suas respostas no gabarito, fingindo que foram corrigidas de forma errada. ODEIO TRAPACEIROS! AARRGH! É melhor você não diminuir a nota do grupo por causa de um idiota apenas”.

Margaret ficou sentada em sua sala, perplexa. Sempre pensara que a aprendizagem em grupo evitaria esse tipo de situação; caso contrário, jamais teria saído da sala durante os testes. E agora? As últimas palavras de Paula ressoavam em seus ouvidos: “Eles estavam trapaceando. O que você vai fazer a respeito?”.

Nota

- ¹ Elaborado por Andrew Graham para uso na Escola de Estudos de Políticas da Universidade de Queen.